



OBEDUC NÚCLEO I PPG-UFES

RELATÓRIO SOBRE A RODA DE CONVERSA COM CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Reginaldo Flexa Nunes
Tatiana de Santana Vieira

A roda de conversa com o professor Carlos Rodrigues Brandão ocorreu em 13 de novembro de 2014 no miniauditório do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/CE/UFES) e foi desenvolvida em torno das temáticas de educação popular, pesquisa participante, militância docente e utopia societal.

O professor Brandão iniciou a conversa rememorando o *I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular* em Recife/PE (1963) o qual apresentava como objetivo transformar a sociedade brasileira por meio da educação e da cultura (SOARES; FÁVERO, 2009). Destacou que abordagem metodológica da **pesquisa participante** surgiu da práxis dos movimentos populares (embora no período inicial não refletissem sobre metodologia, ou seja, foi a partir da prática que o método surgiu) e tem uma relação visceral com a cultura e educação popular, o que pode ser exemplificado pelas pesquisas que, geralmente, são desenvolvidas por temáticas como educação indígena, educação no campo, educação quilombola e diversidade.

A década de 1960 foi intensa a militância nos grupos populares, sendo reflexo da bipolaridade mundial (capitalismo e comunismo). Nesse período foram criados vários movimentos de cultura e educação popular, dentro os quais: Centro de Popular de cultura da União Nacional dos Estudantes, Movimento de Cultura Popular no Recife, Movimento de Educação de Base (MEB) das Igrejas, Campanha de Educação Popular da Paraíba, Campanha “De Pé no chão também se aprende a ler” no Rio Grande do Norte e o Sistema de Alfabetização Paulo Freire. Nessa conjuntura Brandão sublinhou a experiência de alfabetização de Paulo Freire de amplo impacto no Brasil e no resto do

mundo. Demarcou como importante produção as obras de Paulo Freire “Pedagogia do Oprimido” e destacou também a experiência do “Teatro do Oprimido” de Augusto Boal.

Desse modo, podemos considerar que o Brasil constituiu um local de protagonista na origem da Educação Popular, estendendo-se pela América Latina na década de 1960. A produção acadêmica neste campo de estudos (A Educação Popular) se deu em um ambiente político de repressão das ditaduras e, portanto, articulada com o engajamento político.

Naquele contexto, a militância se efetivava por meio da cultura popular, destacou que estudantes de diversos cursos universitários participavam de movimentos e ações culturais em áreas populares da cidade e do campo. Naquele período ainda não se tinha formulado o termo “educação popular”, este foi cunhado posteriormente ao início dessa experiência de cultura popular. A cultura naquela experiência era compreendida como modo de viver do povo em suas múltiplas dimensões, o caracterizou uma dimensão mais ampla da categoria cultura popular, anteriormente restrita a dimensão folclórica das expressões culturais da população, o objetivo era pensar sobre qual seria a raiz da cultura popular, na qual as crenças, danças e outras expressões representam a copa dessa árvore que seria a cultura.

A Ação Popular, movimento ecumênico, das igrejas no Brasil estimularam a **militância na educação popular**. E serviu de apoio aos militantes da educação popular. A censura as práticas docentes, comprometidas com a educação popular, sofreram perseguições, e foram impedidas de se realizar, principalmente, a partir das universidades brasileiras, que vigiadas pelo Serviço Nacional de Informações (SNI) controlavam os programas das disciplinas dos docentes. Os cursos e os programas dos professores universitários deveriam ser submetidas a aprovação pelas hierarquias administrativas antes de ser aplicadas em sala de aula. Assim, a militância docente, comprometida com a educação popular, se formava nos vários movimentos populares. Estudando e produzindo material de leitura (biografias de lideranças, estudos de práticas de educação popular, teorizando sobre educação popular) a formação docente se dava na vivência nas lutas populares por alfabetização e direitos sociais (saúde, educação, moradia, transporte, reforma agrária, emprego, salário digno). Os textos produzidos eram reproduzidos nos mimeógrafos e utilizados nos grupos de debates sobre os temas de interesses populares.

Podemos considerar que os mimeógrafos foram fundamentais nos meios populares, pois se tinha acesso à produção realizada por aqueles que estavam militando nos movimentos sociais e aos textos teóricos de pensadores da esquerda, especialmente os marxistas. A prática e a teorização sobre educação popular se dava concomitantemente, pois nascia nas necessidades e interesses surgidos dos debates nos grupos populares em formação. A alfabetização, nessa perspectiva, deveria estar comprometida com a **conscientização** da realidade sócio-histórica, somente dessa maneira a libertação da situação de miserabilidade social poderia ser superada.

Neste contexto de intensos debates, a cultura popular (danças, narrativas, pinturas, músicas, saberes, formas de viver e compreender o mundo...) era vista como diferente, não como inferior, à chamada cultura erudita, letrada. Portanto, **o multiculturalismo** era prática corrente de compreensão teórica e prática na educação popular. **O diálogo** era o principal instrumento da pesquisa participante, ou melhor, teoria e prática nunca foram pensadas dissociadas da luta política.

A conversa com o professor Carlos Rodrigues Brandão nos possibilitou um diálogo profícuo em torno das relações entre cultura popular, educação popular e a práxis da pesquisa, especialmente com a pesquisa participante. No plano de fundo da conversa evidenciamos que essa relação representa a ligação entre compromisso político, prática pedagógica e pesquisa. Desse modo, o comprometimento com um projeto de uma sociedade mais humanizada deve estar na origem de toda prática pedagógica.



Figura 1-Roda de conversa com prof. Carlos R. Brandão

Referência

SOARES, Leôncio; FÁVERO, Osmar. **I Encontro Nacional de Alfabetização e cultura popular**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.